

Em certo sentido, a pessoa mais benevolente e generosa do mundo busca sua própria felicidade ao fazer o bem aos outros, porque põe sua felicidade no bem deles. Sua mente dilata-se para, por assim dizer, recebê-los dentro, de Si mesmo. Por isso, quando eles estão felizes, ela sente o mesmo; participa com eles e é feliz na felicidade deles. Isso está tão longe de ser incoerente com a liberdade da beneficência que, pelo contrário, a benignidade e a bondade fazem parte dela.
JONATHAN EDWARDS

Deus ama a quem dá com alegria. APÓSTOLO PAULO

Amor

O ESFORÇO DO PRAZER CRISTÃO

Falamos até aqui que a benignidade desinteressada em relação a Deus não é algo bom. Se você se aproxima de Deus por dever em vez de estar sedento pela recompensa da comunhão, então você está se exaltando acima de Deus, como benfeitor dele, rebaixando-o a um beneficiário necessitado e isso é maligno.

A única maneira de glorificar o Deus na adoração é ir até ele porque "em sua presença há plenitude de alegria, na sua destra, delícias perpetuamente" (SL 16.11). Essa tem sido a questão principal até aqui, e podemos chamá-la de busca do prazer cristão entre o ser humano e Deus, no eixo vertical da vida, a busca do prazer não é apenas tolerável — ela é obrigatória: "Agrada-te do Senhor!" O principal propósito do ser humano é glorificar a Deus ao alegrar-se nele para sempre. O que, contudo, podemos dizer agora da busca do prazer cristão no plano horizontal?

O que dizer do nosso relacionamento com outras pessoas?

Será que a benignidade desinteressada é o ideal entre as pessoas?

Ou a busca do prazer é obrigatória para todo tipo de amor humano que agrada a Deus?

A resposta deste capítulo é que a busca do prazer é uma motivação essencial para toda boa ação. Ou, em outras palavras, se você objetiva abandonar a busca do prazer pleno e duradouro, você não pode amar as pessoas ou agradar a Deus. Será que o amor busca o que é seu?

Certa vez, a um pastor depois de pregar sobre isso, um professor de filosofia escreveu-lhe uma carta com a seguinte crítica: Não é esse o argumento da moralidade, de que devemos fazer o bem porque é o bem? [...] Sugiro que devemos fazer o bem e nos portar virtuosamente porque isso é bom e virtuoso; que Deus o abençoará e nos fará felizes como uma consequência, mas não a motivação para fazê-lo.

Outro escritor popular diz: Para o cristão, a felicidade jamais é um alvo a ser buscado. É sempre a surpresa inesperada de uma vida de serviço.

Considero essas citações contrárias à Bíblia e contrárias ao amor, e, no final das contas (apesar de não intencionalmente), desonrosas para Deus.

Sem dúvida vêm-nos passagens à mente que parecem dizer exatamente o oposto do que estou dizendo: 1 Coríntios 13:5 diz que o amor não procura os seus próprios interesses.

Porém, será que isso tem um sentido tão absoluto que seria errado gostar de ser amoroso?

Primeiro leve em consideração o contexto bíblico amplo.

Devemos ter prazer em ser misericordiosos? (Mq 6.8). Em outras palavras, a ordem não é apenas fazer atos de misericórdia, mas gostar de ser misericordioso e querer ser misericordioso. Se você gosta de ser misericordioso, como abster-se de satisfazer o próprio desejo de praticar atos de misericórdia? Como abster-se de buscar a própria alegria em atos de amor, quando sua alegria

consiste em ser amoroso? Será que a obediência ao mandamento de "amar a misericórdia" significa que você tem de desobedecer ao ensino de 1 Coríntios 13.5, de que o amor não deve "buscar os seus interesses"? Não.

1 Coríntios 13.5 não pretende proibir a busca da alegria de amar, mas de pôr sua felicidade onde não deve e de limitar e restringir seu amor. Não devemos por nossa felicidade em nosso próprio bem, mas concentrarmo-nos no bem comum — que é o bem dos outros.

Um indício de que de fato é isso que Paulo quer dizer é a maneira como ele tenta motivar o amor genuíno no v. 3. Diz ele: "Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará". Paulo nos adverte que não ter amor nos privará de "proveito", ou seja: "Se você não tiver amor real, não terá ganho real". Será que amor desinteressado pode alegrar-se na verdade?

No v. 6 vemos: "O amor não se alegra com a injustiça, mas rejubila-se com a verdade".

O amor não é uma simples escolha ou um mero ato.

Ele envolve as afeições. Ele não faz simplesmente o que é certo.

Ele se alegra no caminho da verdade. Miquéias 6.8 diz que devemos "amar a misericórdia"!

Como o amor se alegra nas escolhas que faz, não pode ser desinteressado. Não pode ser indiferente à sua própria alegria! Alegrar-se em uma ação significa tirar alegria dela.

É certo que há muito mais ganho do que este e que essa alegria de fato seja as primícias de uma alegria indestrutível e eterna.

Quando Paulo diz que não devemos buscar nossa vantagem, mas a do nosso próximo para que ele seja salvo, ele não diz que não devemos nos alegrar na salvação do nosso próximo.

De fato, Paulo disse àqueles que ele levava a Cristo: (1 Ts 2.19; Rm 10.1).

Isso não é a voz da benignidade desinteressada. A salvação de outros era a alegria e a paixão da sua vida! Quando negava confortos a Si mesmo para isso, ele era um cristão, não um cumpridor de deveres. Portanto, a lição de 1 Coríntios 10.24 e 33 é que não devemos considerar nenhum conforto pessoal uma alegria maior do que a alegria de ver nossos esforços levarem à salvação de outra pessoa. Esse também é o sentido de Romanos 15.1-13, em que Paulo diz que não devemos agradecer a nós mesmos, mas nosso próximo, para o bem dele e para sua edificação. Essa também é uma aplicação do princípio de que "o amor não procura os seus interesses". Ele não quer dizer que não devemos buscar a alegria de edificar os outros, mas que devemos deixar essa alegria nos libertar da escravidão aos prazeres pessoais que nos tornam indiferentes ao bem dos outros. O amor não procura sua alegria própria, limitada, mas o bem — a salvação e edificação — dos outros. Assim começamos a amar do jeito que Deus ama. Ele ama porque gosta de amar.

Amor é transbordar de alegria em Deus

Paulo pensa no amor genuíno somente em relação com Deus:

2 Coríntios 8.1-4 Irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos.

A razão por que Paulo queria que os Coríntios soubessem dessa notável obra de graça entre os macedônios é que ele espera que a mesma coisa seja verdade entre eles. Ele está viajando entre as

igrejas recolhendo recursos para os santos pobres em Jerusalém (Rm 15.26; I Co 16.1-4). Escreveu 2 Coríntios 8 e 9 para motivar os Coríntios a serem generosos. Crucial para o nosso propósito é observar que, em 2 Coríntios 8.8, ele diz que isso é um teste do amor deles: "Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor". A Implicação clara desse versículo é que a generosidade dos macedônios é um modelo de amor que os Coríntios devem copiar. Ao contar do amor sincero deles, Paulo objetiva despertar também os Coríntios para o amor genuíno. Portanto, temos aqui um caso de teste, para ver como o amor de 1 Coríntios 13 é na vida real. Os macedônios tinham renunciado seus bens a exemplo de 1 Coríntios 13.3 ("ainda que eu distribua todos os meus bens").

Aqui, porém, há amor verdadeiro, enquanto ali não havia nenhum amor. O que torna a generosidade dos macedônios um ato genuíno de amor?

A natureza do amor genuíno pode ser vista em quatro coisas:

Primeira, é uma obra da graça divina. "Irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia" (2 Co 8.1). A generosidade dos macedônios não era de origem humana. Apesar de esses três versículos dizerem que eles "se mostraram voluntários", a disposição deles era uma dádiva de Deus — uma obra da graça. Pode-se ver essa mesma combinação da graça soberana de Deus com o resultado da voluntariedade humana em 2 Coríntios 8.16, 17: Graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós; porque [...] partiu voluntariamente para vós outros. Deus a pôs no coração de Tito. E ele vai voluntariamente. A disposição é uma dádiva — uma obra da graça divina.

Segunda, essa experiência da graça de Deus encheu os macedônios de alegria. "No meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade" (2 Co 8.2). Veja que a alegria deles não se devia ao fato de que Deus os fizera prosperar financeiramente. Ele não fizera! Em "profunda pobreza" eles tinham alegria. Por isso essa alegria era alegria em Deus — na experiência da sua graça.

Terceira, a alegria deles na graça de Deus transbordou em generosidade para atender as necessidades de terceiros. "Sua abundância de alegria [...] superabundou em grande riqueza da sua generosidade" (2 Co 8.2). Portanto, a liberalidade expressa horizontalmente em relação às pessoas foi um transbordar da alegria na graça de Deus.

Quarta, os macedônios imploraram pela oportunidade de sacrificar seus modestos recursos pelos santos em Jerusalém. "Eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos (2 Co 8.3, 4). Em outras palavras, a maneira pela qual a alegria deles em Deus transbordou foi na alegria de dar. Eles queriam dar. Nisso estava a alegria deles!

Agora podemos dar uma definição de amor que leva Deus em conta e também inclui os sentimentos que devem acompanhar os atos externos de amor: o amor é o transbordar da alegria em Deus que atende alegremente as necessidades dos outros.

Paulo não colocou os macedônios como modelo de amor apenas porque se sacrificaram para suprir as necessidades dos outros. O que ele destaca é como eles adoraram fazer isso (Mq 6.8).

Foi o transbordar de ALEGRIA! Eles "pediram com muitos rogos" que pudessem dar. Encontraram seu prazer em canalizar a graça de Deus através da sua pobreza para a pobreza em Jerusalém. É simplesmente de deixar boquiaberto! ...

É por isso que alguém pode dar seu corpo para ser queimado e não ter amor. Amor é o transbordar de alegria em Deus! Não é obrigação por amor à obrigação, nem direito por amor ao direito. Não é o abandono resoluto do bem próprio para ter em vista apenas o bem de outra pessoa. É primeiro uma experiência profundamente satisfatória da plenitude da graça de Deus, e depois a experiência duplamente satisfatória de compartilhar essa graça com outra pessoa.

Quando os macedônios empobrecidos pediram que Paulo lhes concedesse o privilégio de dar dinheiro para outros santos pobres, podemos concluir que é isso o que eles querem fazer, não apenas devem ou têm de fazer; eles realmente anseiam por fazê-lo. É sua alegria — uma extensão da sua alegria em Deus. Estão realmente "negando a Si mesmos" prazeres ou confortos que poderiam ter com o dinheiro que estão entregando, mas a alegria de estender a graça de Deus é uma recompensa bem melhor do que qualquer coisa que o dinheiro poderia comprar. Os macedônios descobriram o esforço do prazer cristão: amor! É o transbordar da alegria em Deus que supre alegremente as necessidades dos outros. Deus ama a quem dá com alegria

Em 2 Coríntios 9.6, 7 temos uma confirmação de que estamos no caminho certo. Paulo continua a motivar os Coríntios a serem generosos. Diz ele: Aquele que semeia pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não por tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. Eu entendo que isso quer dizer que Deus não se agrada quando as pessoas agem com benignidade mas não o fazem com alegria. Quando as pessoas não têm prazer em suas ações de serviço, Deus não tem prazer nelas. Ele ama a quem dá com alegria, a quem serve com alegria. Que tipo de alegria? Com certeza a maneira mais segura de responder a essa pergunta é lembrar que tipo de alegria motivou os macedônios a serem generosos. Foi o transbordar da alegria na graça de Deus. Por isso, o doador que Deus ama é aquele cuja alegria nele transborda "com júbilo" na generosidade em relação aos outros.

Talvez esteja ficando claro por que se você tenta abandonar a busca da sua alegria plena e duradoura, não pode amar as pessoas ou agradar a Deus. Se amor é o transbordar da alegria em Deus que supre alegremente as necessidades dos outros, então abandonar a busca dessa alegria é abandonar a busca do amor! E se Deus se agrada de doadores jubilosos, então abandonar a busca dessa alegria põe você em um rumo que não compraz a Deus. Se para nós não faz diferença se praticamos uma boa ação alegremente, então estamos sendo indiferentes ao que agrada a Deus. Porque Deus ama a quem dá com alegria. Por essa razão, é essencial que sejamos cristãos que buscam o prazer no nível horizontal em nosso relacionamento com outras pessoas, e não apenas no eixo vertical do nosso relacionamento com Deus.

Se amor é o transbordar da alegria em Deus que atende alegremente as necessidades de outras pessoas, e se Deus ama tais doadores alegres, então essa alegria em dar é um dever cristão, e o esforço de não buscá-la é pecado.

Quem ama se alegra na alegria da pessoa amada

Antes de sairmos de 2 Coríntios, veja mais uma passagem cheia de implicações para a natureza do amor. Em 2 Coríntios 1.23-2.4, Paulo escreve sobre uma visita que não fez e uma carta penosa que teve de enviar. Ele explica os sentimentos mais profundos do seu coração com tudo isso:

Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, não tornei ainda a Corinto; não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria; porquanto, pela fé, já estais firmados. Isto deliberei por mim

mesmo: não voltarei a encontrar-me convosco em tristeza. Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo? E isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me, confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa. Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida.

Observe como o fato de Paulo buscar a alegria deles e a sua própria tem relação com o amor. No v. 2 ele dá a razão por que não fez outra visita dolorosa a Corinto: "Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo?" Em outras palavras, a motivação de Paulo aqui é preservar a sua própria alegria. Ele está dizendo:

"Se eu destruir a alegria de vocês, a minha também se destruirá. Por quê? Porque a alegria deles é exatamente o que lhe dá alegria!

Em 2 Coríntios 1.24 fica claro que a alegria que está em vista é a alegria da fé. É a alegria de conhecer e descansar na graça de Deus — a mesma alegria que levou os macedônios a serem generosos (2 Co 8.1-3). Quando essa alegria existe em abundância em seus convertidos, Paulo sente grande alegria pessoalmente. E ele lhes diz sem constrangimento que a razão por que não quer roubar-lhes a alegria é que isso o privaria da alegria dele. É assim que fala um cristão que busca o prazer. No v. 3 Paulo diz a razão por que lhes enviou uma carta penosa: "Isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me, confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa". Aqui sua motivação é a mesma, exceto num ponto. Ele diz que não queria ser entristecido. Ele quer alegria, não sofrimento. Ele é um cristão que busca o prazer! Mas aqui ele vai um passo além do v. 2. Ele diz que a razão por que quer alegria e não sofrimento é que tem confiança de que a alegria dele também é a deles: "Confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa".

Portanto, o v. 3 é o inverso do v. 2. No v. 2 ele afirma que a alegria deles é também a sua; isto é, quando eles estão alegres ele se sente feliz com a alegria deles. E no v. 3 ele afirma que a sua alegria é a alegria deles; isto é, quando ele está feliz eles se sentem felizes com a alegria dele.

Depois, o v. 4 torna a relação com o amor explícita. Ele diz que a razão por que lhes escreveu foi "para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida". Então, o que é amor? O amor existe em abundância entre nós quando a sua alegria é minha e a minha alegria é sua. Não estou amando apenas porque busco sua alegria, mas porque a busco como minha.

Digamos que alguém fale a um dos seus filhos: "Seja bonzinho com seu irmão, ajude-o a arrumar o quarto, tente fazê-lo sentir-se contente, não infeliz". Como seria se ele ajudasse a limpar o quarto, mas resmungasse o tempo todo e transpirasse descontentamento? Haveria virtude em seu esforço? Não muito. O que está errado é que a felicidade do seu irmão não é a sua. Ao ajudar seu irmão, ele não está buscando sua própria alegria na felicidade do seu irmão. Ele não está agindo como um cristão que vive para o prazer. Seu esforço não é o esforço do amor. É o esforço do legalismo — ele age por mera obrigação, para não ser castigado.